

Working Paper CEsA CSG 158 / 2017

Populismo – Conceptualização do Fenómeno

Maria Sousa GALITO

Resumo

O populismo é um fenómeno político que é difícil de definir e, portanto, de medir. Tanto é temido como glorificado e a sua teorização corre o risco de se transformar, em si, numa afirmação política. Em sociedades livres e democráticas, é importante definir as fronteiras entre o popular e o populismo. Com base numa crítica construtiva, diferenciam-se comportamentos moderados, em prol da justiça e da mobilidade social, de discursos extremistas baseados em ideologias antissistema e em programas difusos, supostamente em prol do povo, ou de uma versão homogénea e paternalista do mesmo.

Palavras-Chave Populismo, Democracia, Antissistema

com o apoio

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

WORKING PAPER / DOCUMENTO DE TRABALHO

*O CEsA não confirma nem infirma
quaisquer opiniões expressas pelos autores
nos documentos que edita.*

O CEsA - Centro de Estudos sobre África, Ásia e América Latina é um centro de investigação que se tem dedicado ao estudo do desenvolvimento económico, social e cultural dos países em desenvolvimento da África, Ásia e América Latina, com especial ênfase no estudo dos países de língua oficial portuguesa, China e Ásia-Pacífico. Além disso, promove a investigação noutros tópicos, teóricos e aplicados, dos estudos de desenvolvimento noutras regiões, tentando promover uma abordagem multidisciplinar e uma interligação permanente entre os aspetos teóricos e aplicados da investigação.

O CEsA está atualmente integrado no CSG - Investigação em Ciências Sociais e Gestão, um consórcio de I&D criado em 2013 no ISEG por quatro dos seus centros de investigação - ADVANCE, CEsA, GHES e SOCIUS. Classificado como “Excelente” no âmbito do último processo de Avaliação de Unidades de I&D promovido pela FCT, o CSG conta com mais de 200 investigadores, incluindo professores do ISEG, docentes de outras escolas, investigadores independentes, bolseiros de pós-doutoramento e estudantes de doutoramento. As atividades do CSG fornecem um enquadramento de alto nível para a investigação e o ensino, tanto a nível nacional como internacional.

O CEsA participa ativamente nas atividades de ensino do ISEG, nomeadamente, no Mestrado em Desenvolvimento e Cooperação Internacional e no Doutoramento em Estudos de Desenvolvimento / *Development Studies*, fundamentalmente a dois níveis: através do apoio que dá a esses cursos e da lecionação, pelos seus membros, de várias unidades curriculares, bem como da supervisão de teses e dissertações finais dos alunos. Organiza, igualmente, seminários e conferências ao longo de cada ano letivo, separadamente ou em colaboração com o Mestrado e o Doutoramento.

A internacionalização é também um objetivo importante e que tem sido perseguido através da participação em redes internacionais e programas conjuntos de investigação, bem como na criação de incentivos para ajudar os seus investigadores a aumentar o número de publicações em revistas internacionais de reconhecido mérito.

A AUTORA

Maria Sousa GALITO

ISEG - School of Economics and Management, and CESA, Technical University of Lisbon, Portugal Investigadora Integrada do CEsA/CSG (Centro de Estudos sobre África, Ásia e América Latina, do Consórcio/Centro de Ciências Sociais e Gestão) do ISEG/UL (Instituto Superior de Economia e Gestão, da Universidade de Lisboa).

Conteúdos

INTRODUÇÃO	4
CONCEITOS DE POPULISMO	5
TIPOS DE POPULISMO	8
POPULISMO, MEIOS DE COMUNICAÇÃO E EMOÇÕES	14
MEDIR O POPULISMO	17
CONCLUSÃO	23
BIBLIOGRAFIA.....	28

INTRODUÇÃO

O artigo está dividido em quatro capítulos. O primeiro sobre os conceitos de populismo. O segundo preocupa-se com os tipos de populismo. O terceiro contextualiza o tema, levando em consideração as emoções e os meios de comunicação que as projetam. O quarto procura medir o fenómeno.

Portanto, o texto procura definir o populismo e identifica a falta de consenso em torno da sua conceptualização. Na tentativa de explicar porquê, subdivide as várias manifestações do mesmo, sem esquecer de identificar formas de manipulação das massas, diretas ou indiretas, antes de propor formas de medi-lo e avançar com as principais conclusões da investigação.

Do ponto de vista metodológico, foram consultadas fontes secundárias, livros e artigos científicos, alguns dos quais disponíveis *online*. As traduções foram asseguradas pela autora deste artigo.

CONCEITOS DE POPULISMO

O que é o populismo? É um fenómeno político¹. A sua definição é difusa e contestada.² Um dos primeiros ensaios do séc. XX sobre o assunto, já reconhecia importância ao termo e dificuldade em explicá-lo³. Divisões históricas⁴, geográficas ou ideológicas interferem na tentativa de concetualizá-lo.⁵ A sua natureza camaleónica⁶ permite-lhe renascer em diferentes contextos, com grande capacidade de sobrevivência e de resistência à adversidade. Mas se é difícil encontrar um denominador comum a todos os exemplos candidatos ao perfil⁷, também urge balizar o seu âmbito de análise, para alimentar um debate construtivo⁸.

¹ «O populismo, enquanto fenómeno político e a sua relação com a democracia é atualmente uma fonte de debate animado (...)» (Ostiguy, 2001: 1)

² «Como muitos dos termos do léxico da ciência política, o populismo é marcado por um elevado grau de contestação. (...) podemos argumentar que o populismo é usado de forma tão abrangente – e normalmente de forma derogatória para denegrir qualquer personalidade de quem não se gosta – que perdeu o seu valor analítico e o seu significado. Mas também há aqueles para quem o debate sobre o populismo é indicador do conceito poder ser importante e promissor.» (Moffitt e Tormey, 2014: 382)

³ «No presente, não há dúvida sobre a *importância* do populismo. Mas ninguém sabe exatamente o que é. Enquanto doutrina ou movimento é elusiva e mutável. Brota de todo o lado, mas em muitos e contraditórios formatos.» (Ionescu e Gellner, 1969: 4)

⁴ «Fazendo um apanhado dos movimentos sociais ‘populistas’ da História, o conceito de populismo já foi aplicado aos protestos dos agricultores americanos, tal como aos movimentos dos *narodniki* da Rússia do final do séc. XIX. Depois o termo tornou-se popular nos anos 60 e 70 quando foi atribuído à natureza alusiva dos regimes políticos nos países do Terceiro Mundo governados por líderes carismáticos. Era aplicado sobretudo no contexto político da América Latina. Hoje em dia o populismo está relacionado com um grupo diversificado de atores e políticas. Silvio Berlusconi, Hugo Chavez, Mahmoud Ahmedinejad, Geert Wilders, os polacos irmãos Kaczynski são todos considerados líderes populistas por comentadores e vários agentes políticos.» (Azzarello, 2011: 9)

⁵ «Ideologia, partidos políticos, líderes e discurso populistas crescem e alastram da América à Europa e do Médio Oriente à Ásia Oriental. Mas ainda falta acordar sobre a forma de medir ou definir este fenómeno. Populismo significa coisas distintas para diferentes áreas geográficas, contextos históricos e ideologias.» (Dinç, 2016: 4)

⁶ «A literatura comparativa concorda, em termos gerais, que o populismo é confrontacional, camaleónico, cultural e dependente do contexto.» (Arter, 2010: 490)

⁷ «Nas últimas duas décadas, o termo ‘populismo’ têm sido cada vez mais usado na Europa Ocidental – tanto na linguagem académica como vernácula. O conceito tem sido aplicado a uma gama alargada de partidos políticos como a *Front National* em França, *Die Linke* na Alemanha, o *British National Party* da Grã-Bretanha e o *Lijst Pim Fortuyn* da Holanda. Em resultado desta ampla aplicação, existe grande desentendimento sobre a forma como o populismo deve ser definido.» (Rooduijn e Pauwels, 2010: 2)

⁸ «Uma vez que o populismo não tende a desaparecer nas democracias contemporâneas (...) à medida que os estudos mais diversos sobre o tópico proliferam, é de particular importância que os investigadores sejam

Nas décadas de setenta e oitenta do séc. XX, o populismo estava relacionado com o marxismo estrutural ou com a teoria da modernização, e derivava de consequências políticas e históricas dos países periféricos ou em desenvolvimento. Na década subsequente surgiu o conceito de neopopulismo, que se adaptava a um mundo em mudança. Depois o seu valor foi reduzido a instrumento analítico⁹.

No seio dos partidos políticos, o populismo é estudado a três níveis: classificação, descrição ou admoestação. Primeiro, tenta-se encontrar uma definição que distinga os que são populistas, dos que não são, e justifique o comportamento dos seus agentes no parlamento e nos meios de comunicação. Segundo, o populismo é um adjetivo que categoriza, com base no senso comum, parecenças na abordagem; o que pode gerar equívocos. Terceiro, a perspetiva é fortemente normativa; do lado positivo, o populismo traduz a “verdadeira vontade da maioria”; sob perspetiva negativa, pode “colocar em perigo a democracia”.¹⁰

Em países desenvolvidos, o populismo é entendido de forma pejorativa e os candidatos a cargos públicos repudiam-no. Mas em sociedades muito assimétricas, em que os privilegiados são poucos e a classe média é minoritária, pode ser entendido como um ato de coragem, a favor da integridade e contra a corrupção dos mais ricos¹¹.

explícitos e precisos sobre uma possível definição de populismo. Não só é crucial para uma operacionalização adequada do fenómeno, mas também é pré-requisito necessário a um debate construtivo que reúna resultados de múltiplos casos e períodos temporais.» (Gidron e Bonikowski, 2013: 31)

⁹ Dinç, 2016: 6.

¹⁰ Sikk, 2009: 2-5.

¹¹ «Quando os votantes temem que os políticos possam ser influenciados ou corrompidos pela elite rica, valorizam sinais de integridade. Como consequência, um político honesto à procura da reeleição, escolhe políticas “populistas” – isto é, políticas à esquerda do votante médio – como forma de assinalar que não foi tomado pelos interesses da direita. Políticos que são influenciados pelos interesses especiais da direita respondem com políticas moderadas ou de centro-esquerda.» (Acemoglu, Egorov, Sonin, 2013: 771)

Os partidos populistas revoltam-se contra a alegada corrupção dos fortes contra os fracos, numa comunidade supostamente injusta. Comprometem-se com uma noção radical de igualdade política, a lutar pela supremacia do povo. Mas se forem antissistema, não devem estar demasiado integrados na sociedade que criticam, para não levantarem suspeitas entre o eleitorado. Sendo assim, organizam-se um pouco à margem, ou de forma mais espontânea do que os grupos de pressão (*lobbies*). O objetivo é estarem próximos do povo que representam. É tentarem ser mais democráticos do que quaisquer outros. Recorrem a publicações e manifestos que unam a maioria a seu favor; e assim elevam a população à categoria de grupo cultural homogéneo capaz de ambicionar o poder.¹² Protestam a favor dos excluídos¹³ com noção de ‘povo’ feita à medida das necessidades do momento ou dos líderes que a instrumentalizam.¹⁴ A sua informação é duvidosa e até os mandatos dos titulares de cargos públicos passam a ser negociáveis.¹⁵ A dada altura, os meios justificam os fins e os candidatos às eleições comportam-se de forma extremista. Neste sentido, o populismo é um paradoxo da Democracia representativa¹⁶.

¹² Corduwener, 2014: 433.

¹³ «O populismo tem uma relação ambígua com a democracia. Por um lado, é uma forma de protesto e de resistência aos projetos de modernização que, em nome de supostos projetos universalistas e racionalistas, excluem os pobres e os não-brancos, caracterizados como a encarnação da barbárie.» (Torre, 2007: 394)

¹⁴ «A categorização do ‘povo’ é criada por líderes que clamam incorporá-lo. Esta apropriação autoritária da população e dos seus valores tem significados contraditórios. Por um lado, o populismo restaura e valoriza o valor cultural do homem comum. Por outro, os líderes apropriam-se do significado do que é popular e tentam impor versões sobre a sua autenticidade (...) baseada na identidade de um povo encarado como uma unidade com uma voz e um só interesse, com o líder a representar os valores nacionais e democráticos.» (*Id. Ibid.*)

¹⁵ «Esta tendência para políticas populistas aumenta quando o político quer muito manter-se no poder; quando há maior polarização entre as preferências políticas do eleitor médio e os interesses especiais da direita; quando a perceção sobre a corrupção dos políticos é superior; quando a informação que os votantes recebem é mais ruidosa; e quando há mais incerteza sobre o tipo de titulares. Também demonstramos que mandatos com frágeis limitações podem exacerbar, ao invés de reduzir, a inclinação populista das políticas.» (Acemoglu, Egorov, Sonin, 2013: 771)

¹⁶ «(...) Pelo menos dois fatores indicam que, na política, elementos de populismo vão continuar a existir e até a aumentar. Primeiro, a democracia representativa quase inevitavelmente acompanha o populismo, devido a um paradoxo da democracia. Portanto, oportunidades para populistas restaurarem o poder do ‘povo’ dificilmente vão diminuir. Segundo, a mediatização da política também não vai esbater-se. O que confere oportunidades aos populistas de se reunirem e ganharem apoio, para transmitirem mensagens

O populismo é prolífero onde os partidos políticos tradicionais perderam credibilidade junto dos seus eleitores, talvez por estarem em crise, sem responderem cabalmente aos desafios da sociedade; quando enterrados em burocracias, lutas intestinas e estruturas obsoletas. São os partidos-cartéis afastados do cidadão comum, que não assumem os efeitos negativos que produzem, que não se responsabilizam pelo que fazem¹⁷.

O partido populista afirma lutar incansavelmente pelos interesses do povo contra a elite privilegiada e almeja o enfraquecimento das instituições existentes para aplicar os seus próprios programas de redistribuição da riqueza. A sua retórica recorre a mensagens simples e diretas, facilmente perceptíveis pelo cidadão comum, mas raramente entrega o poder à maioria dos seus eleitores. No rescaldo das eleições, é mais comum surgir outra elite, do tipo clientelista, que assim substitui a anterior¹⁸

TIPOS DE POPULISMO

O populismo, enquanto ideologia, separa dois grupos políticos homogêneos.¹⁹ O seu discurso é ideologicamente baseado no confronto entre pobres e ricos, ou entre “nós” e os “outros”. Distingue o povo que é bom, da elite que é corrupta²⁰. Ou seja, enquanto estilo discursivo promove o antagonismo entre duas entidades ‘inimigas’ (a favor e contra o povo)

simples e se apresentarem como líderes carismáticos e verdadeiros representantes do ‘povo’.» (Deiwiks, 2009: 8)

¹⁷ Martinelli, 2016: 20-21.

¹⁸ Barr, 2009: 42.

¹⁹ O populismo é uma ideologia «(...) que considera a sociedade, ultimamente separada entre dois grupos antagonistas e homogêneos, ‘o povo puro’ verso ‘a elite corrupta’ e argumenta que a política devia ser a expressão da vontade geral (...)» (Mudde, 2004: 543)

²⁰ «Embora os académicos não concordem numa definição de populismo, e várias concepções circulem simultaneamente, existe um denominador comum que a maioria partilha. O fundamento populista consiste numa relação antagonista entre “o (bom) povo e a (corrupta) elite”.» (Rooduijn e Pauwels, 2010: 3-4)

²¹. Implica um julgamento de ideias, contra forças da oposição supostamente más ou imorais²². Resulta, essencialmente, numa luta de poderes, sob a lei do mais forte.

Enquanto estratégia política visa combater a exclusão, velar por uma maior redistribuição dos recursos e enfraquecer as instituições democráticas impregnadas de ideologia política adversária. Pode ser encabeçada por um líder que almeja governar, ou continuar a exercer o poder e, que portanto, apela ao voto de um grande número de apoiantes que confiam nele de forma direta, desorganizada e não institucionalizada²³.

O populista pode ter capacidade mobilizadora, atributos carismáticos e até gerar o culto à sua personalidade²⁴. Se for autoritário e aberto à experiência²⁵ arrisca-se a ter um discurso agressivo, arrogante ou teimoso. Mas também pode ser orador amável, extremamente simpático, janota e bem-falante. Depende da postura que melhor funciona no contexto em análise.

Se admitirmos o atrás exposto, então o populismo pode ser uma ideologia, um tipo de discurso ou uma estratégia política. A tabela 1 reúne estas três principais linhas de investigação em voga.

²¹ «Antagonismo enquanto identificação, relaciona a forma (o povo como *signifier*) e o conteúdo (o povo como *signified*) atribuído por vários processos de apelação – ou seja, estabelece quem são os ‘inimigos do povo’ (...)» (Panizza, 2005: 3)

²² «Primeiro, entendemos o populismo como um conjunto de ideias (...) É uma bordagem moralizante, dualista, crente na soberania popular, que exalta a opinião da maioria, ao mesmo tempo que caracteriza a oposição como imoral ou malévola. Opõe-se à abordagem do pluralismo que enfatiza a inevitável e desejável diferença de opiniões. O pluralismo almeja instituições que valorizem e protejam os direitos da minoria, enquanto segue a vontade maioritária; o populismo almeja claridade moral e trata a dissidência com suspeita, como se fosse perigosa. Enquanto o pluralismo prefere relações políticas baseadas na cooperação e na harmonia, o pluralismo encara o mundo como naturalmente antagonista.» (Hawkins, Riding and Mudde, 2012: 3)

²³ Weyland, 2001: 14.

²⁴ «O populismo baseia-se particularmente em políticas da personalidade.» (Taggart, 2000: 101)

²⁵ Hawkins, Riding and Mudde, 2012: 4.

Tabela 1: Três Principais Linhas de Investigação sobre Populismo

	Definição de Populismo	Unidade de Análise	Métodos Relevantes	Referências
Ideologia Política	Conjunto de ideias interrelacionadas sobre a natureza sociopolítica	Partidos e líderes partidários	Literatura partidária. Análise qualitativa de textos	Mudde (2004, 2007) Mudde e Kaltwasser (2012)
Estilo Político	Discurso com características específicas para reivindicação política	Textos Discursos	Análise interpretativa dos textos	Kazin (1995) Laclau (2005) Panizza (2005)
Estratégia Política	Uma forma de organização e de mobilização	Partidos (com enfoque nas estruturas), líderes e movimentos sociais	Análise histórica comparativa e estudos de caso (<i>case studies</i>)	Roberts (2006) Weyland (2001) Jansen (2011)

Fonte: Baseado em Gidron e Bonikowski, 2013: 17

Se o populismo for uma força de esquerda a favor do povo pobre, o grupo rival é a elite rica de direita que governa de forma corrupta e que supostamente deve ser combatida pelo sofrimento que impinge à maioria.²⁶ Se for um fenómeno de direita, almeja defender a “maioria silenciada”²⁷ que não consegue afirmar a sua cultura ou que precisa ser protegida de uma ameaça exterior.

O populismo geralmente é de esquerda em países em desenvolvimento ou com maioria de população pobre.²⁸ Os de direita emergem talvez em contextos abastados, com

²⁶ «A força que motiva os políticos populistas (na América Latina) é o enfraquecimento das instituições democráticas, o que faz com que os votantes acreditem que os políticos, apesar da sua retórica, possam ter uma agenda de direita ou ser corruptos, ou influenciados por grupos de pressão ricos. Políticas populistas emergem, portanto, como uma forma dos oradores escolherem políticas futuras em consonância com os interesses do votante médio.» (Acemoglu, Egorov, Sonin, 2013: 802)

²⁷ «Ainda existe espaço para diferentes conotações de ‘povo’ que pode ser definido etnicamente, do ponto de vista cívico ou como cidadão comum (‘a maioria silenciosa’).» (Raadt, Hollanders e Krouwel, 2004: 8)

²⁸ «Todos estes aspetos materiais podem ser elementos do populismo em ação, mas são corolários de ideias subjacentes em diferentes contextos sociais. Por exemplo, políticas económicas com pouca visão emergem em movimentos populistas dos países em desenvolvimento, porque os pobres e sem terras constituem a vasta maioria dos cidadãos; em países ricos, o populismo muitas vezes é de direita e defende a austeridade fiscal e o capitalismo. Enquanto grande parte dos movimentos bem-sucedidos possuem líderes carismáticos, isto acontece primeiramente pelo papel que desempenham na coordenação de uma vasta rede baseada no

classe média ou opinião pública interveniente, menor assimetria ou maior mobilidade social, obcecados pela necessidade de recuperar ou reafirmar valores culturais, religiosos ou sociais, relacionados com a pátria e/ou a nação, a identidade, o reconhecimento e o papel de determinado povo no mundo.

Importa realçar que nem sempre vigora a dicotomia entre os que querem mais ou menos Estado. Ainda assim, a tabela 2 tenta diferenciar o populismo de esquerda do de direita, e realça pontos em comum.

Admitindo o exposto na Tabela 2, o populismo pode ser simultaneamente uma ideologia, uma estratégia e um tipo de discurso radical, anti-sistémico, generalista e antagonista, contra a corrupção e a favor da justiça social. Envolve riscos e pressupõe algum tipo de manipulação das massas e das suas expetativas.

“poder do povo”. A muitos outros movimentos populistas falta este tipo de liderança.» (Hawkins, Riding and Mudde, 2012: 4)

Tabela 2: Características do Populismo

Em comum	Esquerda	Direita
Ideologia política	Progressista	Conservadora
Antissistema	Criar novo modelo	Regressar a modelo do passado
Programa político generalista	Mais Estado	Menos Estado
Anticorrupção	Contra monopólios privados.	Contra monopólios públicos.
Manipulação das massas (quantitativo) e das suas expectativas (qualitativo).	Mais liberdade.	Mais segurança.
A favor do 'povo'. (em nome do todo ou da maioria marginalizada).	Modelo social público	Mais responsabilidade social privada.
Discurso pela justiça social	Acabar com os ricos.	Acabar com os pobres.
Antagonismo (bons e maus)	Luta de classes	Luta de poderes
Tónica	Reivindicações socioeconómicas.	Patriotismo/Nacionalismo. Identidade cultural e/ou religiosa.
Radicalismo	Grupos dissidentes	Líder carismático
Riscos	Ditadura do proletariado	Tirania (um só líder todo poderoso)

Fonte: Autora

O populismo de esquerda é progressista, virado para o futuro, celebra a liberdade e reforça o papel do Estado, por exemplo para acabar com monopólios privados, garantir um modelo social público ou aplicar políticas de pleno emprego, pois as suas grandes preocupações são socioeconómicas. Traduz dinâmicas de grupo. Reflete uma luta de classes e promove os interesses do todo, mas pode descambar numa ditadura do proletariado.

O populismo de direita é conservador. É um voto de revolta contra as elites progressistas que insistem em 'modernizar' rapidamente uma sociedade que não se revê nas mudanças recentemente introduzidas e até se assusta com elas. A tónica é a necessidade de reconhecimento, interno e/ou externo. Nesse sentido, defende valores nacionalistas e/ou patrióticos, pelo que pode ser favorável ao regresso das fronteiras, para se proteger do exterior. Uma maioria da população que precise aprofundar a sua identidade cultural e/ou

religiosa pode ser carente o suficiente para cair no engodo do falso profeta e afundar-se na tirania.

Quais os mais vulneráveis ao populismo? Este parece disseminar-se entre as camadas sociais menos instruídas, mais desiludidos com a vida, ou que auferem menos rendimentos. Mas não só. O politicamente correto, por exemplo, se o entendermos como fingimento imposto que cala sentimentos profundos de sentido contrário, pode estar a silenciar sectores menos óbvios, até abastados, que se sentem vilipendiados, ameaçados, discriminados, marginalizados, segregados e acoitados por terceiros (seja esta perspetiva real ou ilusória).

O populismo parece estar em todo o lado²⁹ e alimenta-se das expetativas defraudadas³⁰. Aproveita-se de situações de crise (económica, social, política, religiosa, etc.). Prolifera onde o sistema é altamente competitivo ou demasiado lento ou onde não há misericórdia, e o desemprego abunda, tal como a incerteza ou a falta de segurança. Almeja dar voz aos excluídos do sistema³¹. Diaboliza as instituições existentes para dar lugar a todos, ou afastar os rivais e admite fazê-lo violentamente.

²⁹ «As democracias contemporâneas estão a ser desafiadas. As suas principais instituições e partidos políticos estão em crise há algum tempo, por uma variedade de razões, desde o declínio das ideologias, à tensão entre organizações partidárias e cidadãos, ao enfraquecimento da intermediação, à disseminação da corrupção, ao impacto dos meios de comunicação, à personalização da política. O populismo parece estar em todo o lado hoje em dia.» (Martinelli, 2016: 13)

³⁰ «As elevadas expetativas da maioria das pessoas saíram goradas pela “desafortunada herança do passado”; perversa burocracia, leis excessivas e obsoletas, partidos subdesenvolvidos, empresas públicas estagnadas ou ineficientes, agricultura ultrapassada e fragmentada, sociedade civil fraca e falta de cultura política moderna. Clivagens sociais foram desenvolvidas como resultado de consequências inadvertidas das reformas que distribuíram desequilibradamente o peso da transformação (desemprego, empobrecimento seletivo, competição desenfreada, imigração ilegal, aumento do crime) numa sociedade dividida entre os bem-sucedidos neste novo sistema e os que experimentaram, de forma objetiva ou subjetiva, perda ou fracasso e até idealização do passado. Esta situação criou clima social favorável ao crescimento dos partidos populistas (...)» (*Id. Ibid*, 19)

³¹ O populismo é «(...) todo o projeto político que se sustenta à larga escala, ao mobilizar sectores sociais marginalizados que torna publicamente visíveis e gera ação política contenciosa, enquanto articula retórica nacionalista anti-elite que valoriza o cidadão comum.» (Jansen, 2011: 82)

Talvez por isso, alguns estudos consideram este discurso viril. Mas tal resulta de visões padronizadas ou tradicionais sobre o que as mulheres querem, que papel assumem no espaço público ou que tipo de influência exercem em sociedade.³² No geral, variáveis como a idade ou o género podem nem ser impactantes ou significativas no fenómeno político em consideração³³, se admitirmos que tanto homens como mulheres podem ser seus partidários e que tanto juniores como seniores podem cair na sua ratoeira.

O caráter simbólico dos discursos parece ser mais importante nesta matéria. Quando os eleitores reconhecem as referências (o tipo de linguagem e o código de valores) tentam identificar-se com o plano de ação. Passa a ser difícil desconstruir o castelo de cartas, porque eles querem muito acreditar naquilo que ouvem, convencem-se que é possível obtê-lo e que lhes é benéfico caminhar na direção proposta pelos populistas, porque estes conseguiram mexer com as suas emoções.

POPULISMO, MEIOS DE COMUNICAÇÃO E EMOÇÕES

A sociologia política das emoções é uma perspetiva de análise que se almeja integrada, para não negligenciar ou exagerar a contribuição do comportamento menos racional do ser humano na produção de fenómenos políticos, tais como o populismo.

³² «(...) intelectuais feministas têm questionado a sexualização da cultura corrente e da relação entre sexo, dinheiro e poder que subjaz ao populismo de Berlusconi. Os debates em torno da ideia do ‘silêncio das mulheres’, do ‘pós-patriarcado’ e da ‘mulher real’ não televisiva (...) O conceito de ‘pós-feminismo’ é uma alternativa válida (...) consegue capturar a complexidade das políticas dos governos de Berlusconi, que constituem um retrocesso em relação às vitórias do feminismo dos anos 70 e 80 do séc. XX.» (Azzarello, 2011: 106-107).

³³ «Ao contrário do que pensam alguns, embora em linha com investigação mais recente, (o populismo) não está consistentemente relacionado com a idade ou o género. É importante, porque estes resultados verificam-se não só em ambientes mais conservadores, como no país no seu conjunto.» (Hawkins, Riding and Mudde, 2012: 23)

A vertente passional da política pode ser considerada romântica e utópica; mas sobretudo instrumental, manipuladora e perigosa pelos que preferem concepções neutras dos comportamentos em esfera pública, do interesse nacional e não da utilidade privada ou subjetiva. O domínio do paradigma racional desconfia do que é interpretativo ou dependente da perspectiva, evitando colocar-se sob as exigências de uma multidão em fúria. Mas o ressentimento³⁴ é terreno fértil para o populismo. Está inerente um voto de revolta contra o sistema impulsionado pela raiva³⁵ que luta contra algum tipo de injustiça e, em consequência, transfere as culpas para uma entidade paralela (para o Estado, as elites, o governo, etc.).

Está comprovado que as emoções, tanto as diretamente relacionadas com a política como as circunstanciais³⁶ têm impacto nas eleições. Por isso, é preciso ter cuidado com a propaganda política; mas também com a pressão dos meios de comunicação, cujos interesses empresariais, tentam maximizar as audiências e assinar rentáveis contratos de publicidade. No limite, estes podem transformar a realidade numa experiência mística ou disseminar uma ideologia do “senso comum” contrária à deliberação racional e plenamente informada. Entramos no âmbito da mediatização da política democrática, das comunicações governamentais e da diplomacia pública, das celebrações nacionais e internacionais, e da

³⁴ «(...) uma política de ressentimento generalizado em que as incertezas do capitalismo e a supervisão do Estado criam indivíduos com uma sensação difusa de falta de poder, a expressão pública de uma praxis que não é positiva nem consolidada, mas que resulta de uma reação apressada e dependente que, em regra, assume a forma de ‘política de identidade’ (...) o ressentimento é o sentimento dos fracos (...)» (Demertzis, 2006: 104)

³⁵ «A raiva parece ser o grande motor por trás do populismo. Isto porque perceções de injustiça, julgamentos morais, atribuição de culpas e necessidade de controlo são componentes desta emoção negativa e, ao mesmo tempo, são elementos fundamentais da retórica populista. (...) a ira aumenta significativamente as atitudes populistas e a probabilidade de votar no partido populista. A ansiedade tem o efeito oposto, só obtendo significado estatístico do lado do eleitor. A tristeza não produz efeito.» (Rico e Guinjoan e Anduiza, 2016: 1)

³⁶ «Primeiro, demonstrámos que existem claros limites à competência dos eleitores, uma vez que a decisão de votar é afetada por resultados desportivos (...) Segundo, demonstrámos que uma fonte de decisão sub-ótimal é a incapacidade dos votantes separarem as suas emoções pessoais da sua cognição política. Portanto, quando os votantes tomam decisões, emoções pessoais e eventos desempenham um papel importante nas variáveis políticas explícitas. De facto, o efeito geral do humor na votação pode ser significativamente maior do que sugerem as nossas estimativas, pois o desporto é apenas uma das muitas influências que os eleitores sofrem e nem todos gostam de desporto.» (Healy e Malhotra e Mo, 2009: 24)

cobertura de campanhas políticas que implicam investimento em imagem e em estilos sofisticados de comunicação e de linguagem³⁷.

Ao contrário das decisões baseadas em factos e em mensagens de conteúdo fidedigno, o populismo cria uma espécie de realidade paralela, baseada em exageros e emoções exacerbadas, que infantilizam e confundem o leitor, com o objetivo de influenciar a sua deliberação; não em função da experiência e do raciocínio lógico, mas da impulsividade, do instinto, do medo patológico ou da ilusão de que tudo é possível.

Por exemplo, os populistas geralmente prometem baixar os níveis de desemprego, alguns até defendem o pleno emprego, mas raramente comunicam medidas concretas em prol desse objetivo, porque a verdade coaduna-se pouco com o plano; embora a rutura com o modelo de referência possa parecer um oásis no meio do deserto que o desespero proporciona.

Mas os *media* são cada vez mais generalistas, sensacionalistas e populistas. Podemos talvez subdividir o processo de mediatização da política por fases. Na década de 60 do séc. XX, os eleitores pareciam ser fieis a alianças prévias e definidas, seguiam ideologias dominantes nos partidos políticos, num contexto em que a imprensa escrita e a rádio faziam a seleção dos principais matérias em discussão. Nos anos 90, a televisão concentrava as atenções, transmitia conteúdos de forma transversal à sociedade e os agentes políticos aproveitavam-se deste palco para entreter as multidões com o seu humor e habilidades, já com preocupações de imagem e de marketing político, pois o formato cansava-se de grandes reflexões filosóficas, mas atraía pessoas cada vez mais carismáticas, com capacidade de emocionar plateias tal como os atores no teatro. O primeiro quartel do séc. XXI foi

³⁷ Azzarello, 2011: 18-19.

dominado pela globalização dos meios de comunicação, sobretudo da internet, capaz de disseminar rapidamente, pelo mundo inteiro, uma amálgama disforme de conteúdos, tanto credíveis quanto facilmente manipulados. Nos últimos anos, a política vergou-se às redes sociais onde abundam as notícias falsas, o lixo informativo e a coscuvilhice. Estas fontes são imprevisíveis, incontroláveis e propícias ao populismo, sobretudo num contexto altamente complexo³⁸ e competitivo, mas em que se misturam questões sérias com entretenimento, como se fossem a mesma coisa.

MEDIR O POPULISMO

O mais difícil não é definir o populismo, é medi-lo. Uma opção é descrevê-lo de forma minimalista³⁹, para abarcar as suas várias dimensões. Mas quando o termo tenta englobar todas as expressões deste fenómeno político, transforma-se num chapéu que serve a demasiadas cabeças e entidades, pelo que é imediatamente descartado, por não ser considerado aceitável, admissível ou consensual. Mas é também um sinal dos tempos.

³⁸ «Da perspectiva das comunicações, a literatura relevante tem estudado a ligação entre os meios de comunicação e o populismo, mormente pelas lentes da mediatização da política. (...) Ocorre ao mesmo tempo que a profissionalização da publicidade e das técnicas de campanha dos partidos políticos, da comercialização crescente do jornalismo, da diversificação dos canais e dos agentes abertos a novas reivindicações políticas, e à radical segmentação das audiências políticas. (...) É importante observar estas tendências num contexto amplo de processos de mudança social, de modernização (fragmentação da organização social e políticas de empolamento da identidade), individualização (com abordagem mais orientada para o consumo e a gratificação política), a secularização (que reduz o estatuto de políticas oficiais e identificações partidárias, com ceticismo em relação às elites estabelecidas), a economia (jornalismo subordinado a critérios de mercado) e estilização (que encoraja aproximações entre a política e a cultura popular).» (Wirth *et al.*, 2016: 24-25)

³⁹ «Começar com uma definição mínima de populismo e tentar aplicá-la a casos empíricos ajuda a determinar se estamos a lidar com populismo ou não. Uma conceptualização mínima tem a vantagem de apertar o significado do populismo e a discussão teórica torna-se menos confusa, porque o seu conceito passa a distinguir-se de outros fenómenos políticos.» (Deiwiks, 2009: 8)

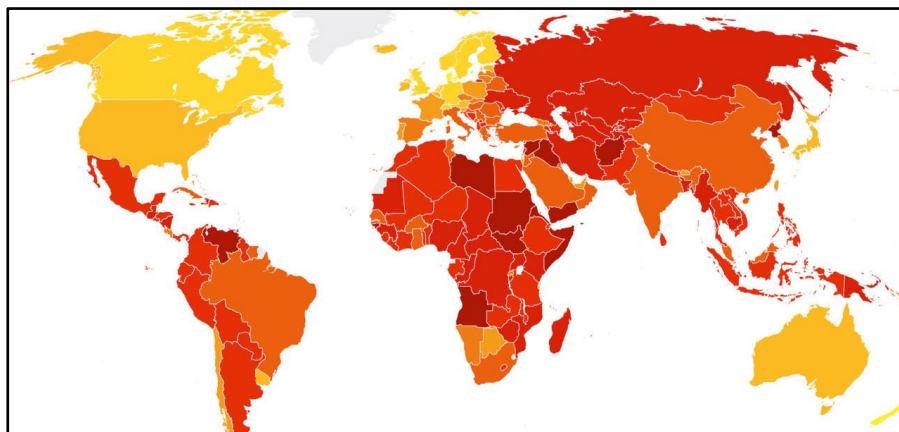
Numa democracia os candidatos sempre tiveram de apelar ao voto maioritário da população, mas quanto mais o ambiente é competitivo, agressivo e globalizado (se vários povos centram as suas atenções nos resultados) e mais está em jogo (dinheiro, influência, etc.) mais pressão se exerce sobre os escrutínios. A verdade torna-se num luxo. É mais fácil os líderes partidários (ou independentes) seguirem a favor da onda, expondo os seus planos ao mínimo, pois se advogarem medidas impopulares, por muito necessárias que elas sejam, eles não são escolhidos nas urnas.

Então o que fazer? Uma hipótese é medir o populismo por etapas, com base em definições parciais. Por exemplo, se o alvo da nossa análise for uma ideologia política centrada no povo e contra as elites corruptas, a estratégia é analisar os discursos públicos e os debates (parlamentares, de tribuna ou nos meios de comunicação) que fazem referência a essas duas questões. A abordagem pode ser quantitativa ou qualitativa. Depois construi-se uma base de dados, trabalhada manualmente (fator humano) e/ou com auxílio informático⁴⁰.

Outra hipótese é contextualizar o populismo, com recurso a informação complementar. Por exemplo, recorrendo a índices de perceção de corrupção e a noções sobre riscos políticos à escala mundial. Estes são apenas indicativos, mas ajudam a explicar o fenómeno em consideração. Para facilitar a visualização, recorrer-se a mapas, que têm a vantagem de projetar rapidamente uma ideia dominante.

⁴⁰ Rooduijn e Pauwels, 2010: 18.

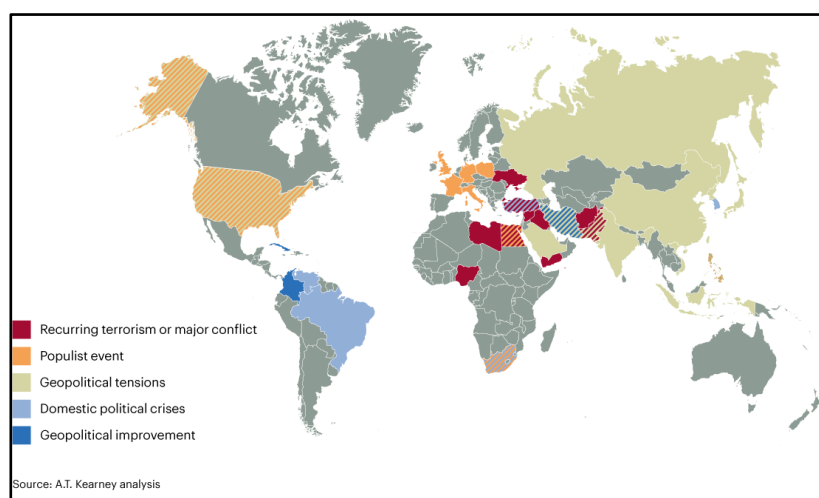
Mapa 1: Índice de Perceção da Corrupção (2016)



Fonte: Transparência Internacional (2017)

O Mapa 1 compara países e regiões estratégicas. O “Ocidente” (Europa, América do Norte e Austrália) foi desenhado a cores mais claras, onde parece haver uma menor perceção de corrupção do que em África, na América Latina e na Ásia. No Sul e Leste da Europa, porém, a cor é mais escura do que no Centro e Norte do referido continente. Mas no Mapa 2 a cor alaranjada enfoca o centro europeu, onde o risco político parece ser elevado, com eventos populistas. Porquê? Provavelmente é menos consequência da corrupção, que parece ser baixa, mas das dificuldades económicas, do choque cultural decorrente da grande vaga migratória (de sul e de leste) e da exploração do medo dos ataques terroristas.

Mapa 2: Riscos Políticos



Fonte: Peterson e Laudicina (2017)

A título de exemplo, se houver menos corrupção em x (do que em y) é possível que a *perceção* também seja mais baixa e, portanto, lhe corresponda uma cor mais clara no Mapa 1 (que compara regiões com base em critérios iguais para todos, para os nivelar). Mas cidadãos que convivem regularmente com muita corrupção tendem a sobreviver como podem, num contexto difícil e a revoltar-se menos contra o sistema, do que cidadãos com expectativas de vida mais elevadas. Os indivíduos menos tolerantes para com a ilegalidade podem exigir ao Estado que acabe com a corrupção (muito menos elevada em x do que em y), percecionando-a como insuportável. Se o Estado não o conseguir fazer, ou tão rápido quanto o desejado, o voto do povo pode pender para líderes populistas. Sob esta perspetiva, todos os países do mundo são potencialmente vulneráveis ao populismo, inclusive os mais desenvolvidos. Basta para isso que se instale um grande desequilíbrio de natureza económico-social (por exemplo, subirem muito as taxas de desemprego, instalar-se a instabilidade política ou social por alguma razão externa ou interna ao país).

O populismo nasce da necessidade de *compensar* expectativas defraudadas ou de satisfazer uma necessidade premente. Nos contextos onde alastra a fome e a violência, as pessoas votam em líderes que lhes prometam alimento e paz. Nas regiões mais desenvolvidas, os cidadãos ficam vulneráveis ao extremismo quando dispostos a tudo para recuperar o que pensam que perderam.

Tabela 3: Dicotomias dos Populistas – Algumas Moedas de Troca

Cara	Coroa
Povo	Elite
Plebeu	Nobre/Aristocrata
Pobres	Ricos
Bons	Maus
Puros	Corruptos
Nós	Outros
Excluídos	Incluídos
Sem acesso a direitos e garantias	Privilegiados
Estatuto social inferior (cidadão de segunda)	Estatuto social superior (cidadão de primeira)
Honesto e trabalhador	Preguiçoso e ladrão
Mérito	Cunha
Popular	Pedante/ <i>Snob</i> (para quem o povo é ignorante)
Sinceros (dizem e fazem o que pensam)	Politicamente corretos (fingidos)
Não tem culpa	Responsável (pela crise)
Defesa	Ataque
Corajosos	Cobardes
Vítima	Opressor Criminoso/Terrorista

Fonte: Autora

Para além de medir o populismo com base em definições parciais, que possam ser interpretadas à luz de informação adicional, é pertinente identificar as dicotomias recorrentes nos discursos ou nos programas políticos. Na tabela 3 resumem-se alguns dos chavões utilizados pelos populistas e talvez dos mais eficazes, atendendo a que produzem regularmente resultados e fazem vacilar os eleitores mais insuspeitos; razão pela qual o voto secreto tantas vezes apanha de surpresa as empresas de sondagens nas campanhas eleitorais.

As dicotomias povo/elite, plebeu/nobre e pobres/ricos são das mais antigas, com historial desde a Antiguidade Clássica. Outras moedas de troca são variantes das primeiras ou alternativas viáveis. Confrontos ideológicos ou moralistas como bons/maus, nós/outros, excluídos/incluídos, puros/corruptos também ocupam o topo da lista, e são claros indicadores de populismo.

Numa República, em que os escrutínios se sucedem uns aos outros, existe uma grande pressão para agradar aos votantes e há líderes que parecem estar permanentemente em campanha eleitoral. Portanto, as diferenças entre o *popular* e o *populista* tornam-se porosas. O que não impede de reunir, na Tabela 4, algumas características que possam distingui-los.

Tabela 4: Diferenças entre Popular e Populista

Popular	Populista
Sistémico	Anti-sistémico
Ordem democrática	Desordem democrática
Moderado	Extremista
Medidas concretas	Plano difuso
Promessas que cumpre	Promessas que não cumpre
Protetor	Paternalista
Previsível	Imprevisível
Realista	Idealista
Crítica construtiva	Crítica destrutiva
Seguro	Perigoso

Fonte: Autora

Posto isto, conclui-se que a diferença está nos excessos. Num contexto altamente competitivo, em que a caça aos votos é considerada tão importante como a sua manutenção, o líder partidário tenta ser popular, mas realista. Faz por garantir a fidelidade dos eleitores através de comportamentos sistémicos, que velem pelo bem-estar social e pela ordem democrática, com base em programas e discursos moderados, que ressalvem medidas concretas, que se traduzam em promessas cumpridas. As críticas aos adversários são mais construtivas do que destrutivas, joga-se pelo seguro.

Em contraposição, o populismo é anti-sistémico. É um fenómeno imprevisível, paternalista, incendiário e incontrolável, pois as suas propostas são destrutivas e extremistas, mas também confusas ou pouco concretas, idealistas e excessivas. É causa ou consequência do caos instalado e, regra geral, não contribui para melhorar a situação.

CONCLUSÃO

Algumas das propostas e definições deste artigo de investigação podem parecer generalistas, mas o fenómeno em debate coaduna-se com esse tipo de linguagem. O populismo nada tem de moderado. Nem sempre foi considerado um termo pejorativo. A sua notoriedade depende da época, da região e da ideologia de quem o pratica ou comenta. Pode ter características regionais adaptadas à cultura e à religião dominantes, para melhor aceder aos recursos (riquezas territoriais) ou ao poder (controlo sobre as populações) mas, sob perspetiva macro, desenha um padrão comum que se repete: tende para o extremismo, é oportunista e anti-sistémico.

A definição de populismo não é consensual, porque a sua conceptualização, se for muito pormenorizada ou tendenciosa, quase sempre é uma afirmação política.⁴¹ Responder a perguntas como *quem é populista* e que meios emprega ou como se afirma na arena política, é matéria de escolha e esta dificilmente é neutra.

⁴¹ «O populismo é muitas vezes usado como um conceito analítico e, na falta de claro consenso académico sobre o seu significado, é uma definição contestada. Mas a confusão sobre o termo, todavia, não é apenas causada por um problema analítico de generalização; resulta sobretudo da promiscuidade com que se utiliza e o significado pejorativo da palavra, tanto dentro como fora do debate científico. Qualquer definição científica atribuída a este conceito político é um ato político em si mesmo (...).» (Raadt, Hollanders e Krouwel, 2004: 4)

O populismo tem História e é contra a exclusão social.⁴² Do ponto de vista do discurso, *diz ao povo o que ele quer ouvir* e dirige-se a ele qual entidade única e homogénea⁴³. Esta remissa é parte integrante de uma ideologia sociopolítica. Faz parte da sua estratégia defender a plebe,⁴⁴ tudo faz para a adorar e reverenciar e, de certa forma, presta-lhe culto⁴⁵.

O populismo almeja agradar às massas, tenta satisfazer as suas vontades e necessidades imediatas, mesmo que estas não tenham viabilidade no futuro. Pode ter boas intenções, mas arrisca-se a ser paternalista, ao infantilizar o recetor da mensagem. Ao entretê-lo, mascara os intentos dos agentes individuais e coletivos que o promovem. Tudo depende dos bastidores da sua política. Mas ao aproveitar-se das carências da plebe, o demagogo manipula-a. Por isso, o populismo pode ser maquiavélico, instrumental, incendiário e perigoso.

O populismo é uma retórica com características específicas, muito utilizada em período eleitoral, que gera emoções e atitudes em conformidade com o conteúdo da mensagem. Até prova em contrário, é um programa político difuso a favor dos direitos e garantias do ‘povo’ numa Democracia. Neste sentido, pode ser um tipo de discurso, uma ideologia ou uma estratégia política, ou as três coisas ao mesmo tempo. A propaganda e os meios de comunicação são veículos que o disseminam.

Um partido populista faz oposição ao regime, mas vai mais longe do que um grupo de pressão normal, ao criticar o mal funcionamento da democracia representativa existente.

⁴² «O populismo não é uma aberração histórica ou um desvio dos padrões universais da modernização (...) surgiu historicamente como uma resposta à marginalização de muitos da política. A persistência das exclusões sociais e económicas provocadas pelas políticas neoliberais e, em particular, a dificuldade dos pobres em acederem aos seus direitos constitucionais explicam a sua resiliência. Embora as manifestações concretas do populismo e os níveis de polarização variem consoante as experiências, o populismo continua a ser recorrente nas democracias em que os direitos das pessoas comuns não são reforçados ou respeitados.» (Torre, 2007: 394-395)

⁴³ «A população é uma unidade e apenas uma, e uma referência ao povo não é apenas uma reivindicação retórica, é parte consistente da sua ideologia.» (Raadt, Hollanders e Krouwel, 2004: 7)

⁴⁴ «Os populistas colocam “o povo” no centro da sua política.» (Rooduijn e Pauwels, 2010: 4)

⁴⁵ «*Populism worships the people.*» (Ionescu e Gellner, 1969: 1)

Não pretende ser antidemocrático, pelo contrário, defende uma democracia (mais) direta, capaz de punir as instituições intermediárias que fazem frente à “verdadeira e não corrompida vontade do povo”⁴⁶.

O líder populista vangloria-se de ser o porta-voz da maioria injustiçada contra os lobbies de interesses particulares, ou dos grupos minoritários privilegiados que impedem a felicidade da população. Se for necessário derrubar barreiras, torna-se anti-sistémico e, nessa medida, pode ser radical ou impingir algum tipo de rutura com o *status quo*.

O populismo é uma forma de luta, de reivindicação dos que têm pouco, mas com expectativas de auferirem mais. Garante dar força aos marginalizados, mas estes não são necessariamente pobres. Quem já satisfaz as necessidades básicas, disputa o acesso a bens materiais. Quem é pobre quer ser rico. Quem não tem liberdade, exige-a. A opinião pública de um país desenvolvido reclama direitos e garantias que talvez não estejam no topo das prioridades de uma população sujeita a conflitos armados. Por isso é que o populismo depende da área geográfica, da cultura e da ideologia dominante.

Numa República em que todos os cidadãos são “povo” e cada cabeça vale um voto, é importante compreender que, embora o antagonismo esteja sempre presente, a análise dos grupos em confronto não pode ser redutora. O discurso populista é direcionado às massas, mas não necessariamente ao ‘todo’. Pode atrair a maioria de esquerda se a elite for de direita. Se os progressistas exercem o poder à revelia de uma maioria tradicionalista e, por lei, a

⁴⁶ «Um primeiro elemento de ideologia dos populistas é encontrado na rejeição ao sistema. A crítica é a razão de ser de qualquer partido da oposição, mas os partidos populistas desenvolvem um conjunto de argumentos sobre o mau funcionamento da democracia representativa. (...) O populismo não é antidemocrático (...) repreende as organizações intermediárias que se colocam no meio da expressão verdadeira e não corrompida da vontade do povo.» (Raadt, Hollanders e Krouwel, 2004: 6)

nobreza ou a monarquia são proibidas, um líder populista pode ser eleito para alterar a Constituição a favor de uma agenda conservadora.

As hipóteses são muitas, porque o público-alvo não é sempre o mesmo. Outro exemplo. O populismo pode conseguir quotas a favor de uma facção x com peso reivindicativo em sociedade. Na década seguinte, depois de restabelecido o equilíbrio, ou em ambiente crispado, esse tipo de solução pode gerar resistência, se admitirmos que, para haver discriminação positiva a favor de um grupo, os demais acabam por não ter acesso às oportunidades atribuídas aos primeiros e sentem-se preteridos ou punidos pelo sistema.

O populismo é difícil de medir, pelo que pode ser definido parcialmente e contextualizado com base em informação complementar, se o objetivo é avaliá-lo qualitativa ou quantitativamente. Mas, no geral, resulta da rivalidade entre ideologias, grupos ou vontades com capacidade reivindicativa, numa sociedade competitiva. O ser humano é naturalmente insatisfeito e vive num espaço confinado de recursos escassos, em que tem de lutar pelo que quer mas, como nem sempre está disponível, sucumbe a soluções fáceis que parecem resolver todos os problemas rapidamente, mas são ilusórias.

Numa democracia, muitos líderes condenam o populismo, mas tomam iniciativas e proferem discursos que lhe estão muito próximos. A diferença está nas fronteiras entre o que é popular e populista, e estas são porosas.

O líder é popular se tentar agradar ao povo com soluções que não arruinem o Estado de Direito Democrático; é populista se o seu programa for anti-sistémico. O primeiro promove a ordem democrática, o segundo é uma causa ou uma consequência da desordem

democrática⁴⁷. A estratégia popular é moderada, protetora, construtiva e segura; a populista é extremista, paternalista, destrutiva e perigosa. Políticas sistémicas são construtivas, realistas, baseadas em medidas concretas e em promessas exequíveis; modelos idealistas são geralmente mais difusos, imprevisíveis, prometem o que não sabem se podem cumprir.

Os defensores das massas invocam a liberdade, a igualdade e a fraternidade, e procuram garantir que a soberania do povo não é apenas de fachada. Quando os seus líderes são carismáticos, são marcos da História⁴⁸ e tentam ser agentes de transformação política. Para uns, os populistas são o inimigo, para outros são heróis da população. Para uns, o populismo é antidemocrático, mas nem sempre a crítica às elites é considerada uma “ameaça à democracia liberal, enquanto mantiver a sua orientação individualista e anti-estadista.”⁴⁹ Portanto, a tendência muda quando o projeto se torna radical.

A frustração, a raiva, a desilusão, o medo e as emoções mais básicas fundamentam o voto contra o sistema vigente, como se a solução estivesse em parar o jogo e voltar a baralhar as cartas, para regressar a um ideal do passado, ou para começar tudo de novo. Num contexto de incerteza, a moderação pode ser a diferença entre manter o que se tem ou ficar sem nada. Mas se Cícero preferia a paz mais injusta à mais justa das guerras⁵⁰, será que a maioria ainda prefere o *status quo*?

⁴⁷ «(...) a hipertrofia do lado democrático, ao ponto de enfraquecer excessivamente as proteções dos direitos dos indivíduos e das minorias conduz à desordem democrática conhecida por populismo.» (Plattner, 2010: 87)

⁴⁸ «O líder populista carismático fascina, mistifica e excita. Os líderes populistas marcam profunda e indelevelmente a História nacional e global; muitas vezes coloridos e arreatadores, são bem-sucedidos ao forjar uma ligação com os seus seguidores que raramente deixa de incluir um tom moral ou religioso. Eles afirmam falar para e com o povo; para além da mera representação, afirmam personalizar o povo e estão preparados para seguir lealmente algo relativamente parecido com o que Rousseau chamou de ‘vontade geral’. No meio desta identificação tumultuosa e processo de ligação, as fronteiras institucionais e convenções são geralmente esquecidas ou criticadas, a favor de um contacto não mediado com os cidadãos.» (Piramo, 2009: 1-2)

⁴⁹ Plattner, 2010: 92.

⁵⁰ *Equidem ad pacem hortari non desino; quae vel iniusta utilior est quam iustissimum bellum cum civibus.* Cícero, *Cartas a Ático*, VII, 14. (Winstedt, 1913: 69)

Os conflitos continuam a existir, fruto da rivalidade entre grupos culturais, identitários ou com reivindicações socioeconómicas não satisfeitas⁵¹. O presente é o espelho das nossas ações, o passado é o percurso das nossas pegadas, o futuro não está garantido e o populismo aproveita-se disso. Portanto, não caminhamos para o término da evolução ideológica da humanidade, nem para a uniformização da democracia liberal ocidental.⁵² Não estamos no fim da História.

BIBLIOGRAFIA

ACEMOGLU, Daron and EGOROV, Georgy and SONIN, Konstantin (2013). “A Political Theory of Populism”. *The Quarterly Journal of Economics*, 128 (2), pp. 771-805.

ARTER, David (2010). “The Breakthrough of Another West European Populist Radical Right Party? The Case of the True Finns”. *Government and Opposition*, Vol. 45 (4), pp. 484-504.

AZZARELLO, Stefania (2011). “Populist Masculinities – Power and Sexuality in the Italian Populist Imaginary”. *University of Utrecht*, Women’s Studies Department, Institutum Studiorum Humanitatis, Women’s Studies Department, Gemma Erasmus Mundus Master ‘Women’s and Gender Studies’, Final Thesis, pp. 1-116.

BARR, Robert (2009). “Populists, Outsiders and Anti-Establishment Politics”. *Party Politics*, Vol. 15 (1), pp. 29-48.

⁵¹ «No mundo pós Guerra Fria, as alterações mais importantes entre povos não são ideológicas, políticas ou económicas, mas culturais. (...) Os povos usam a política, não apenas na prossecução dos seus interesses, mas também para definir a sua identidade.» (Huntington, 1996: 21)

⁵² «O que estamos a testemunhar não é apenas o fim da Guerra Fria, ou a passagem para um período especial da História do pós-guerra, mas ao fim da História enquanto tal: isto é, ao fim da evolução ideológica da Humanidade e à uniformização da democracia liberal ocidental enquanto forma final de governo humano.» (Fukuyama, 1989: 4)

CORDUWENER, Pepijn (2014). “The Populist Conception of Democracy beyond Popular Sovereignty”. *Journal of Contemporary European Research*, Vol. 10, Issue 4, pp. 423-437.

DEIWIKS, Christa (2009). “Populism”. *Living Reviews in Democracy*, Center for Comparative and International Studies of the University of Zurich, pp. 1-9.

DEMERTZIS, Nicolas (2006). “Emotions and Populism”. In Clarke, Simon *et al.* (eds.). *Emotion, Politics and Society*. London: Palgrave Macmillan (103–22).

DINÇ, Pinar (2016). “Mapping Populism: Definitions, Cases, and Challenges to Democracy”. Istanbul Policy Center, At Sabanci University, pp. 1-16.

FUKUYAMA, Francis (1989). The End of History? *National Interest*, Vol. 16, Summer, pp. 3-18.

GIDRON, Noam and BONIKOWSKI, Bart (2013). “Varieties of Populism: Literature Review and Research Agenda”. *Weatherhead Center for International Affairs*, Harvard University, Working Paper Series, N. 13-0004, pp. 1-38.

HAWKINS, Kirk and RIDING, Scott and MUDDE, Cas (2012). “Measuring Populist Attitudes”. *CIDE/IPSA/C&M*, Committee on Concepts and Methods, Political Concepts, Working Paper Series, N. 55, January, pp. 1-35.

HEALY, Andrew J. and MALHOTRA, Neil and MO, Cecilia H. (2009). “Personal Emotions and Political Decision Making: Implications for Voter Competence”. *Stanford – Graduate School of Business*, Research Paper N. ° 2034, July, pp.

HUNTINGTON, Samuel P. (1996). *The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order*. New York: Simon & Schuster.

IONESCU, Ghita and GELLNER, Ernest (1969). *Populism: its Meaning and National Characteristics*. Oakland: University of California Press.

JANSEN, Robert S. (2011). “Populist Mobilization: A New Theoretical Approach to Populism”. *Sociological Theory*, 29 (2), pp. 75-96.

KAZIN, Michal (1995). *The Populist Persuasion: An American History*. Ithaca: Cornell University Press.

LACLAU, Ernesto (2005). *On Populist Reason*. London: Verso.

LERNER, Jennifer S. *et al.* (2015). “Emotion and Decision Making”, *Annual Review of Psychology*, AR – Reviews in Advance, PS66CH33-Lerner, pp. 33.1-33.25.

MARTINELLI, Alberto (2016). “Populism and the Crisis of Representative Democracy”. In *Populism on the Rise: Democracies Under Challenge?* Milano: ISPI; pp. 13-32.

MOFFITT, Benjamin and TORMEY, Simon (2014). “Rethinking Populism: Politics, Mediatization and Political Style”. *Political Studies*, Vol. 62, pp. 381-397.

MUDDE, Cas (2004). “The Populist Zeitgeist”. *Government and Opposition*, Vol. 39 (4), pp. 442-563.

MUDDE, Cas (2007). *Populist Radical Right Parties in Europe*. Cambridge: Cambridge University Press.

MUDDE, Cas and KALTWASSER, Cristóbal (2012). *Populism in Europe and the Americas*. Cambridge: Cambridge University Press.

OSTIGUY, Pierre (2001). “Populism, Democracy, and Representation: Multidimensional Concepts and Regime Types in Comparative Politics”, *Latin American Studies Association Meeting*, Washington DC, September 6-8, pp. 1-26.

PANIZZA, Francisco (2005). *Populism and the Mirror of Democracy*. London: Verso.

PETERSON, Erik R. and LAUDICINA, Paul A. (2017). “Global Economic Outlook 2017-2021: The All-Too-Visible Hand”. *Atkearney.com*, Ideas and Insights, Issue Papers and Perspectives, January.

Available: https://www.atkearney.com/ideas-insights/issue-papers-perspectives/-/asset_publisher/dVxv4Hz2h8bS/content/id/10778810 (Accessed 09/05)

PIRAMO, Daniela di (2009). “*Speak for me!* How Populist Leaders Defy Democracy in Latin America”. *Journal of Global Change, Peace and Security*, pp. 1-32.

PLATTNER, Marc F. (2010). “Populism, Pluralism, and Liberal Democracy”. *Journal of Democracy*, Vol. 21, N.º 1, January, pp. 81-92.

RAADT, Jasper de and HOLLANDERS, David and KROUWEL, André (2004). “Conceptualising Populism – Analysing the Level and Type of Populism of Four European Parties”. *Politicologenetmaal*, workshop ‘Kwaliteit van leven en politieke attitudes. Methodologische Vraagstukken en Empirische Analyses’, Draft Paper, 27/28 May, pp. 1-25.

RICO, Guillem e GUINJOAN, Marc and ANDUIZA, Eva (2016). “The Emotional Underpinnings of Citizens’ Populism: How Anger, Fear, and Sadness Affect Populist Attitudes and Vote Choice”, *Universitat Autònoma de Barcelona*, pp. 1-28.

ROBERTS, Kenneth M. (2006). “Populism, Political Conflict, and Grass-Roots Organization in Latin America”. *Comparative Politics*, Vol. 38 (2), pp. 127-148.

ROODUIJN, Matthijs and PAUWELS, Teun (2010). “Measuring Populism in Comparative Research – Two Content Analysis Methods Compared”. *Politicologenetmaal*, 27-28 May, Leuven, pp. 1-28.

SIKK, Allan (2009). “Parties and Populism”. *CEPSI – Centre for European Politics, Security & Integration*, UCL School of Slavonic and East European Studies, Working Paper 2009-02, pp. 1-15.

TAGGART, Paul (2000). *Populism*. Buckingham. Open University Press.

TORRE, Carlos de la (2007). “The Resurgence of Radical Populism in Latin America”. *Constelations*, Vol. 14, N. ° 3, pp. 384-397.

TRANSPARENCY INTERNATIONAL (2017). “Corruption Perceptions Index 2016”. *Transparency.org*, News, January 25th.

WHEYLAND, Kurt (2001). “Clarifying a Contested Concept: Populism in the Study of Latin American Politics”. *Comparative Politics*, Vol. 34 (1), pp. 1-22.

WINSTEDT, E. O. (1913). *Cicero – Letters to Atticus*. (Vol. II). London: William Heinemann.

WIRTH, Werner *et al.* (2016). “The appeal of populist ideas, strategies and styles: A theoretical model and research design for analyzing populist political communication”.

NCCR – *National Centre of Competence in Research – Challenges to Democracy in the 21st Century*, Working Paper N. ° 88, pp. 1-60.